

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LILLYAN FRANCELINO FREZ

**LETRAMENTO DIGITAL – O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA ESCOLAR
POSSIBILITA A FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES?**

**Pontes e Lacerda - MT
Dezembro/2013**

LILLYAN FRANCELINO FREZ

**LETRAMENTO DIGITAL – O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA ESCOLAR
POSSIBILITA A FORMAÇÃO DE LEITORES/ESCRITORES?**

**Monografia apresentada ao
departamento de Letras da
Universidade do Estado de Mato
Grosso, Campus Universitário de
Pontes e Lacerda, como requisito
parcial para a avaliação da disciplina
de TCC, sob orientação da Profa. Ma.
Ana Maria Macedo.**

**Pontes e Lacerda – MT
Dezembro/2013**

ESTA MONOGRAFIA FOI APRESENTADA E DEFENDIDA PERANTE A SEGUINTE
BANCA

ORIENTADORA: Profa. Ma. Ana Maria Macedo

Membro da Banca: Prof. Me. Joil Antonio da Silva

Membro da Banca: Prof. Me. Rogério Martins

Pontes e Lacerda– MT
Dezembro/2013

Dedico este trabalho, aqueles que não acreditaram...

Agradeço...

A Deus

Pai todo poderoso, criador do Céu e da terra. Aquele, que me fortalece todos os dias e, preteje meus caminhos...

A minha família

A minha mãe Dalva Frez, que, ao longo de minha jornada acadêmica, incentivou-me com seus conselhos. Ao meu avô materno Durval Frez, que considero como pai. Ao meu companheiro Raudinei Sella pela consideração e carinho. Aos meus irmãos Diego Frez, Anderson F. Frez e minha irmã Olinda Novaes. Amo vocês!

À orientadora

Profa. Ma. Ana Maria Macedo, por quem tenho respeito e admiração. Sou grata pelas orientações, pois mesmo diante de minhas alegrias e tristezas se propôs a me receber e compartilhar seus conhecimentos. Agradeço, pela atenção, dedicação, paciência e carinho.

Aos amigos

Elton Ananias, Maiara Lemos, Gheany Leal, Renan Gomides, Vagner Braz por estarem presentes e me apoiarem na minha jornada acadêmica. Para vocês, dedico o meu amor sincero, minha gratidão, pois, nestes 4 anos de academia, se mostraram verdadeiros, dispostos a me ajudar, a me orientar, quando inúmeras vezes pensei em desistir ... Aqui neste papel ficarão registradas palavras, mas, que pretendo transformá-las em mais e mais ações... Que o destino nunca nos separe e, se separar, que o vento nos traz de volta... Amo vocês!

A Banca

Que atendeu o nosso pedido e ao trabalho fizeram considerações com reverência.

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso e, todos os professores que contribuíram para a minha formação.

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.”

(THEODORE ROOSEVELT).

Resumo

Esta pesquisa aborda o letramento digital, a formação de leitores e escritores por meio de computadores ligados à internet em âmbito escolar, ou seja, letramento digital. Assim, nos voltamos, primeiramente, para as questões de letramento, o que é, e sua importância na sociedade atual. Posteriormente, o letramento digital ganha destaque, visto que é este a trilha de nosso estudo. Dado as discussões sobre letramento digital e seus respectivos gêneros, propõe-se em seguida mostrar os dados obtidos a partir de observações realizadas em laboratórios de informática de duas escolas de Pontes e Lacerda - MT. Respaldamos em autores como, Magda Soares (2003), Tfouni (1995), Marcuschi (2004), Coscatelli e Ribeiro (2011), PCN(1998-9), LDB, OCNs (2008), entre outros.

Palavras-chave: Letramento. Gêneros. Pesquisa.

Abstract

This search introduce about literacy, the formation of readers and writers with computers and internet in yours schools. So, digital literacy. That way, we go back firstly to the questions of literacy, “what is?” and “ the importance to actual society”. Afterward, the digital literacy win an emphasis because it will be our object of study. With the discussions and results about digital literacy we propose to show the dates and observations accomplished in informatic labs of two schools in Pontes e Lacerda – MT. Giving more emphasis in the authors like, Magda (2003), Tfouni (1995), Marcuschi (2004), Coscatelli & Ribeiro (2011), PCN (1998-9), LDB, OCNs (2008), and others.

Key – Words: Literacy. Genres. Search.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
Capítulo I	11
1.1 Letramento	11
1.2 O que é Letramento.....	14
1.3 Letramento Digital	16
1.4 Letramento digital (nas) e as escolas	19
Capítulo II.....	23
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS/DIGITAIS: o uso da internet e os desafios do professor	23
2.2 Gêneros digitais: Algumas definições.....	27
Capítulo III.....	29
3.1 Laboratórios de informática escolar: pontos e contrapontos	29
3.2 Metodologia.....	29
3.3 Análise	33
3.4 Algumas respostas	38
Conclusão	39
Bibliografia:	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

Muito se discute hoje sobre a importância de as pessoas serem letradas, ou seja, terem a leitura e escrita como hábitos e uso social e também prazer nesse uso, apesar de este não ser obrigatório para que uma pessoa possa ser considerada letrada. Entretanto, quando se abre discussões a este respeito, vê-se a frente fatores indispensáveis para a instigação e aquisição de tais interesses, sendo de modo geral a escola vista como instituição responsável por atender a demanda de formar o cidadão preparado para os usos da leitura e escrita numa sociedade letrada como a nossa. Mas, quando falamos em leitura e escrita, devemos considerar também os variados meios de acessos, ou seja, as diferentes formas para a contemplação do que diz respeito ao ler e escrever.

Como, na contemporaneidade, o homem se relaciona constantemente com a tecnologia da comunicação e informação (em específico, computadores com internet) e mantém vinculado aos diferentes textos e modos para manuseá-lo, optamos por apresentar neste trabalho discussões sobre as mídias digitais e os usos que as escolas fazem/poderiam fazer para formar leitores e escritores. Procurei desenvolver pesquisas no laboratório de informática de duas escolas públicas da cidade de Pontes e Lacerda – Mato Grosso, no intuito de verificar-se se elas contemplam o que sustenta a teoria sobre a importância de se formar pessoas letradas, não apenas no sentido tradicional, mas também o letramento digital.

O modelo de um professor detentor único do saber não se sustenta nos dias de hoje, uma vez que muito comumente os alunos trazem, para a sala de aula, conhecimentos adquiridos nos meios virtuais. A investigação da relação educador/aluno/Internet tem por objetivo propiciar novos conhecimentos acerca da influência dessa mídia na vida das novas gerações de estudantes e verificar interesses quanto ao que se busca no mundo virtual e os usos dessa tecnologia na escola. Devido à grande interferência da internet, bem como as fontes de informações que alimenta a sociedade em massa, compreendemos a relevância de se pesquisar tais vínculos atualmente.

Em outras palavras, discutiremos como se coloca a escola/professores em face das exigências da sociedade atual em relação à formação das novas gerações de estudantes sob o viés do letramento digital. Também, busco referenciar sobre os gêneros, sendo estes recursos com que as pessoas hoje se relacionam com

freqüência. Sabemos que é de responsabilidade das escolas juntamente com os representantes governamentais fornecerem suportes necessários que possibilitem aos alunos a inclusão na sociedade da comunicação e informação.

No primeiro capítulo, apresento discussões sobre letramento e seu conceito sobre o ponto de vista de autores como Magda Soares com a obra “Letramento um tema em três gêneros” e Leda Verdini Tfouni com o texto “Letramento e Alfabetização”. Logo em seguida, volto-me para discussões de letramento digital, sua importância na sociedade atual. Também ligo tais necessidades de formação com o espaço escolar, visto que é por meio deste ambiente que os alunos passam boa parte do seu dia. Apóio em autores como Marcuschi (2004), e artigos de Xavier, Soares, entre outros.

No segundo capítulo, destaco os gêneros digitais como possibilidade para se trabalhar nas aulas de Língua portuguesa, tendo em vista as muitas semelhanças desses com os tradicionais, assim como é discutido por Marcuschi (2004). Alinho essa possibilidade, por acreditar que diante do computador os alunos têm vários recursos a serem explorados. E por estarem conectados desde cedo ao universo dos gêneros digitais como e-mails, blogs, fórum de discussões, chats, dentre outros, acabam por fazendo uso das linguagens convencionadas pelo sistema de comunicação online. Quando o professor ao aplicar atividades de produção de maneira tradicional, muitas são as ocorrências de uso de giras, abreviaturas, falta de coesão, coerência nos textos produzidos pelos próprios alunos que na internet se ligam. Assim, neste capítulo considera-se o desenrolar das discussões sob o viés de uma indagação – É interessante trabalhar leitura e escrita também por meio dos gêneros digitais no laboratório de informática? Se trabalhados conscientemente, poderão modificar as concepções pré-estabelecidas pelos alunos sobre as aulas de língua portuguesa em relação às condições de produção?

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados da investigação em duas escolas, na qual busco após os dados obtidos, concluir se há preocupações por partes tanto governamentais, quanto das instituições em formar pessoas letradas no que diz respeito ao digital. Nesta pesquisa tenho como foco principal averiguar se o laboratório de informática escolar possibilita a formação de leitores/escritores.

Capítulo I

1.1 Letramento

Há, na atualidade, muitas discussões e projetos que visam melhorar a educação no Brasil, mas, mesmo assim, presenciamos crianças, jovens e adultos longe do contato com a leitura e a escrita, bem como do espaço escolar, ou seja, sem formação de hábitos que contribuam para a transformação intelectual, sem atividades efetivas de letramento que, de alguma forma, contribuam para o exercício da cidadania conforme preconiza a LDB.

Pesquisas realizadas em meados de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos mostram o quanto diminuiu o índice de analfabetismo no Brasil. Entretanto, verifica-se que há, ainda, pessoas acima de dez anos com dificuldades de ler e escrever ou mesmo analfabetos funcionais com mais de 10 anos de escolaridade.

O analfabetismo encontra-se presente em nosso país desde o período colonial, quando a alfabetização de qualidade era reservada a filhos de famílias com grande poder aquisitivo: banqueiros, donos de grandes propriedades rurais, ou ainda aqueles que desempenhavam atividades religiosas. Dessa maneira, observamos que o analfabetismo advém de muito tempo atrás e está presente na sociedade até hoje.

A preocupação atual é justamente modificar esse quadro, visto que, em sociedades letradas como a nossa, há a exigência de cidadãos com domínio das atividades sociais, que englobam práticas de leitura e escrita. Para tanto, surge uma nova maneira de estudar e explicar tal fenômeno. A propósito,

Os estudos sobre o letramento, desse modo, não se restringem somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social têm relação com os fatos postos. (TFOUNI, 1995, p 21).

Os estudos sobre o letramento surgem, portanto, para alcançar respostas sobre as possibilidades do homem em relação às práticas sociais de escrita e leitura. A preocupação nos anos anteriores era obter um nível maior de pessoas

alfabetizadas, ou seja, que soubessem escrever o próprio nome e ler algumas palavras. À medida que tais problemas foram superados e que aumentou o número de brasileiros nas escolas, foi necessário respostas para novas preocupações: como elevar a qualidade no uso da leitura e escrita. Não se vê nas porcentagens atuais um nível elevado de pessoas analfabetas, entretanto o que se busca hoje é discutir a que ponto as pessoas fazem uso da escrita e o que esse contato pode trazer de consequência nos campos linguísticos, culturais, políticos e sociais. Daí o surgimento da palavra letramento, pois, como discute Soares (2003), as exigências são outras nos dias de hoje. Não é satisfatório somente o saber ler e escrever, mas é preciso e necessário ser letrado, fazer uso das práticas de leitura e escrita em termos sociais.

Soares (2003) mostra que uma pessoa pode ser alfabetizada, porém não ser letrada, ou seja, ela decodificou os sinais gráficos, mas ao usá-los apresenta dificuldades em redigir textos, não lê frequentemente e, ao realizar a leitura a faz, mas de forma superficial, sem fins de argumentação, reflexão. Por outro lado, uma pessoa pode ser letrada e analfabeta. Assim, ela não consegue ao menos escrever seu próprio nome, porém faz uso da escrita quando pede a outra pessoa explicações sobre fatos relacionados à cultura letrada e que a ajude a fazer parte desses usos, ou seja, que outro leia um folder, jornal, placas, ou escreva uma carta que dita. Este tipo de usos e inserção na cultura letrada é classificado pela autora como “nível de letramento” (p. 47).

O nível de letramento, como afirma Soares (2003), está relacionado com os diversos conhecimentos adquiridos pelo homem em contato com os variáveis gêneros textuais escritos, ou seja, a partir do momento em que o indivíduo consegue ler e exprimir do texto selecionado compreensões pertinentes e obter conhecimento a partir da leitura, este se diferenciara das pessoas analfabetas, vinculando-se a outro nível, a de estado e condição de quem sabe ler e escrever. Dessa forma, poderá “responder adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e escrita” (SOARES, 2003, p. 20).

Nesta perspectiva, Tfouni (1995) orienta que não devemos confundir letramento com alfabetização, pois alfabetização é o processo em que um indivíduo passa a compilar os sinais gráficos de seu idioma. Desse modo, inferimos que muitos dos problemas correntes na sociedade em relação à educação se voltavam para questionamentos se o indivíduo sabia ler ou não, escrever ou não, diferente de

hoje, que a terminologia letramento vem então para satisfazer discussões em relação ao homem-social, as suas capacidades de reflexão, de ler e fazer inferências para que os sentidos possam fluir e as pessoas ir além do que se busca.

Portanto, o homem não deve conformar-se com relação aos seus saberes, não considerá-lo como concreto e acabado, pois o conhecimento é algo que adquirimos e (re) adquirimos a partir de frequentes estudos. Assim, devemos priorizar não somente o contato com a leitura, mas transformá-la em algo satisfatório, *viajar* nas entrelinhas deixadas pelos escritores, mediando o que sabemos com o que vamos ler, bem como com o nosso conhecimento de mundo, pois

É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2009, p.13).

Entenda-se que a falta de interesse/acesso ao mundo do conhecimento causa diversas complicações ao sujeito que necessitar incluir-se em outro grupo social não afeiçoado. O homem que se encontrar “parado no tempo”, sem buscar um entendimento sobre si e sobre as coisas que se propõe a fazer, estagnar-se diante de muitas situações da vida, deixando-se levar por opiniões alheias. Então, ser letrado torna o homem diferenciado, pois lhe permite relacionar-se com sociedades diversas escolher as melhores possibilidades que se lhe apresentem na vida cotidiana. A propósito

[...] o aprender a ler e escrever - o *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – tem conseqüências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, políticos, cognitivos lingüísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social [...]. (SOARES, p. 17-18).

Ser alfabetizado e letrado, não ser letrado, mas alfabetizado, ou ser letrado, mas não ser alfabetizado são alguns dos motivos que arrastam múltiplas discussões

sobre a educação. Pensarmos, portanto, que a essência do letramento na vida do homem quando submerge em campo social, é de fato, um dos elementos que surge para mantermos reflexões sobre o que se tem de significativo em relação às pessoas letradas.

1.2 O que é Letramento

A palavra “letramento”, segundo Soares (2003), é recente no campo da Educação e, por este motivo, não se vê ainda, nos dicionários. A autora salienta, que a palavra foi usada inicialmente no livro “No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolingüística” de Mary Kato, (1986) e que, após dois anos, a pesquisadora Leda Verdiani Tfouni socializou discussões acerca do vocabulário, tendo como foco a distinção entre alfabetização e letramento. Para a autora, a alfabetização é o mérito de aquisição da escrita por um único indivíduo. Diferente do letramento que tem como foco “os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito” (TFOUNI, 1995, p. 20), em campo social, o mais amplo possível. A mesma mostra que

A alfabetização refere-se á aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição as escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. (idem, 1995, p. 9 - 10).

Termo empregado na atualidade, o letramento surge, portanto, para exemplificar, bem como denominar o grande avanço dos múltiplos sentidos sobre a educação e entendimento das leituras e escritas do homem moderno. Constatase, no mudo atual, que são muitas as exigências para que possamos manter-nos conectado aos exercícios sociais. Assim, não basta somente dominar as técnicas de leitura e escrita, mas também buscar fazer uso das diferentes leituras a qual

elencamos, para que assim posteriormente possamos responder satisfatoriamente as exigências que a sociedade nos faz. Sendo assim

[...] não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo **letramento** [...]. (SOARES, 2003, p.20).

Deste modo, parece inquestionável até o presente momento, a fundamentação da terminologia ora apresentada – letramento, pois antes a massa social se preocupava em lançar olhares para os índices de analfabetismos, ou seja, se uma dada pessoa sabia ler ou escrever. Hoje se busca ainda essa concepção, mas com novas complementações. A preocupação hoje é verificar como as pessoas lidam com a cultura escrita. Tfouni (1995) discute a questão do homem sócio-histórico quando este mantém vínculos com a escrita. É a partir das práticas frequentes de leituras/escrita que as consequências em termo de mudanças culturais, econômicas, políticas passam a ser favoráveis aos indivíduos, ou grupos de uma sociedade, pois logo se vêem motivados a envolver-se nas situações que os englobam.

Tfouni discute que os estudiosos do letramento buscam responder sobre o que se espera e “Quais as mudanças sociais e discursivas que ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada?” (TFOUNI, 1995, p. 20), ou seja, o que se pode esperar a partir das caracterizações e consequências da aquisição de tal elemento – a escrita? O que se torna novo para o mundo em que vivemos? Podemos modificar nossa história? E assim seguem-se outros questionamentos que nos fazem refletir sobre o que queremos para nosso futuro enquanto cidadãos.

Soares (2003) discute a valorização das práticas de Leitura e escrita, pois acredita que é a partir deste envolvimento do homem que o processo da aquisição de conhecimento passa a se aperfeiçoar mais e mais. Além disso, a pessoa para estar conectada no universo do letramento, precisa ligar-se ao habito de leituras constantes, seja ela feita por meio de jornais, revistas, gibis, ou por meio virtual, pois assim passará consequentemente aperfeiçoando sistemicamente sua escrita. O leitor, ao se tornar crítico diante das leituras realizadas, passa a aperfeiçoar seus conhecimentos. Nunca é demais a leitura, pois o saber é algo que ninguém retira de nós. Dessa forma, o homem deve sempre ir à busca daquilo que de alguma forma o

incomoda ou satisfaça. A leitura, seja ela de variáveis fontes, é a principal ponte para que nossas informações não se estagnem. Devemos ter o hábito de ler, para que possamos satisfazer aquilo que nos intriga enquanto leitores, o que nos incomoda e aborrece, enfim nos transformar enquanto cidadãos, pois usar a leitura e a escrita “[...] levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural cognitivo, lingüístico, e entre outros”. (SOARES, 2003, p.38).

Quando Soares (2003, p. 36-9) trata da questão do letramento, menciona ser o “estado” ou “condição” que uma pessoa se encontra quando esta exerce a leitura e escrita em relação ao social. Não é apenas o saber ou adquirir a tecnologia do ler e escrever, mas “apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua propriedade”.

1.3 Letramento Digital

Discutimos sobre letramento para compreendermos seu conceito. Dito de outro modo, faz-se necessário pensarmos como o homem, no exercício de suas atividades sociais, se mantém vinculado à competência do letramento, em relação à era digital. Assim, consideramos que o letramento digital implica as pessoas da atualidade transformar suas ações e se capacitar para acompanhar o desenvolvimento do mundo no qual está inserido. Nesta perspectiva, se fundamentará como um agente da transformação social, pois pode, por meio de seus conhecimentos, auxiliar o crescimento do país.

Essa relação do homem com a tecnologia é necessária, pois atualmente pode-se dizer que muitas atividades e exercícios do homem são planejados e resolvidos através dos meios tecnológicos para cumprir tarefas profissionais ou pessoais. Em virtude do crescimento tecnológico no mundo, verifica-se que desde muito cedo as crianças e jovens já estão envolvidos em alguma ferramenta de comunicação e informação e, assim, modificando seus comportamentos, para se adaptarem às novas exigências da época.

Vê-se, então, que as pessoas procuram buscar nessas ferramentas auxílios que proporcionam facilidades, comodidades e agilidades. E por ser um recurso envolvente, flexível, seu uso se tornou presente em muitas atividades exercidas pelo homem, seja no trabalho, em casa, ou nos momentos de lazer. Essa necessidade de adaptação aos meios tecnológicos exige em muitas ocasiões, raciocínios mais

específicos, lógicos e árduos. Nesta perspectiva, a “[...] comunicação, entendimento e conscientização [...]” permitem ao homem possibilidades de “[...] lutar contra a exclusão social”, (RIBEIRO, 2011, p. 96). Ou seja, as pessoas quando cientes da importância das modificações que ocorrem em âmbitos sociais passam a guiar-se de forma diferentes, saindo da mesmice. Também, por outro lado, de alguma forma conseguem lidar com as divergências e posicionar como cidadãos críticos, reflexivos, pois, ser letrado, requer assumir posturas diferentes.

Cremos que depois dos aparelhos celulares, os computadores são os mais usados pelos cidadãos. Desses dois dispositivos eletrônicos a internet se destaca, visto que é por meio desta que os indivíduos mantêm conectados à informação, seja ela acontecida há poucos segundos, ou em séculos passados. O homem apropria-se da internet para comunicação, seja a distancia, ou por curtos espaços. Um fato é certo, as pessoas modernas, se veem motivados a buscar interações com o digital, porque na modernidade a convivência entre máquina e homem é constante, e as exigências, principalmente no mercado de trabalho, são freqüentes.

Assim, é perceptível que a contemporaneidade impulsiona as pessoas a estarem constantemente de alguma forma se relacionando com alguma tecnologia de informação, seja ela para preencher as necessidades dos trabalhos profissionais ou para obter informações do mundo (notícias) ou familiares por meio da internet. E a cada dia o usuário passa a explorar mais e mais essa tecnologia. Neste cenário da busca pela informação na web, embora o indivíduo não tenha tecnicamente conhecimento de que a internet é uma ferramenta de ensino/aprendizagem ele está fazendo parte do processo do letramento digital, bem como sua evolução e estudo. De acordo com OCNs (2008), a tecnologia digital veio inovar também no que diz respeito ao processo de ensino na e pela linguagem. Acrescenta-se

[...] que o estudante veja a fala e a escrita como modalidades de uso da língua complementares e interativas, sobre tudo quando se leva em conta práticas de linguagem nascidas na/da tecnologia digital, que também permite a recorrência on-line destes dois tipos de modalidades. (OCNs, 2008, p. 34).

A interferência deste novo meio de adquirir conhecimento e comunicar-se está modificando muitas sociedades. Em outras palavras, contata-se, que a busca pelo letramento digital vem possibilitar ao sujeito sua independência, liberdade de

articular seus conhecimentos, curiosidades, e outras formas de idealizar sua vida social, ou seja, uma pessoa que adquire o computador, já habilitado à internet, passa a percorrer por sistemas de leitura e escrita diferentes dos tradicionais, ou seja, a leitura passa a ser realizada por meio da tela, e a escrita torna-se fácil de ser administrada devido à quantidade de ferramentas disponíveis nos sistemas operacionais, tais como Windows/ Ubuntu/ Linux. Certamente que

A busca por uma ferramenta tecnológica deve ser vista como forma de se revitalizar antigas ferramentas, uma nova aparência para melhorar ou estimular as metas de aprendizagem. Além disso, deverá agregar valor, inovando os programas e processos já existentes. A inovação está no investimento, na formação humana e deve trazer benefícios ao cotidiano, isto é, inovação é desafio. (RIBEIRO, 2011, p. 90).

Nos últimos séculos, as exigências quanto a melhorias dos aparelhos eletrônicos já existentes e criação de novas cresce mais e mais, pois o homem da contemporaneidade sempre vai à busca de possibilidades que visam melhorar a vida dos muitos cidadãos do planeta. Dessa forma, os sistemas digitais passam por inovações, reinvenções, ao compasso que o sujeito sente necessidades quanto às navegações no universo digital de velocidade máxima.

Especialistas das áreas tecnológicas procuram lançar novas invenções de dispositivos e programas interativos que, aos olhos das novas gerações populacionais, são envolventes. Na aquisição de conhecimentos e possibilidades de diálogos, por exemplo, o computador torna-se um mecanismo útil, porém em ocasiões específicas, como, nos estudos, são muitos os documentos que circulam na web nos quais não devemos confiar. Acrescentamos que a possibilidade do homem se perder nas redes sociais se torna plausível, devido à imensidão de interatividades no meio virtual. Diante de tantas funcionalidades, os sujeitos adeptos à máquina passam a navegar por diversos links e muitas vezes acabam perdendo o foco das atividades selecionadas. Nesta, perspectiva, o homem ancora-se no que o diverte e se torna fragilizado, movido pela satisfação do que lhe fornece prazer e emoção.

Portanto, o computador ligado à internet ajuda o homem na realização dos afazeres, até com relação a relacionamentos, pois as pessoas ligadas aos aparelhos digitais, principalmente perante a tela de um computador, sentem-se livres,

eficientes e desinibidas quanto ao anseio da efetivação explícita, direta dos diálogos interpessoais, ou dos conteúdos informacional que está à procura.

Acreditamos que ser letrado é essencial para a vida das pessoas, mas letrado digitalmente é sem dúvida um requisito parcial no cotidiano das novas gerações, pois a cada passo, vemos que o homem e internet estão ligados, pois é tudo mais rápido, mas flexível. A internet como ferramenta sem dúvida se torna útil, mas diante disso devemos ter conscientização, para bem aproveitarmos.

1.4 Letramento digital (nas) e as escolas

Em se tratando de educação, a escola é um dos principais responsáveis pela formação intelectual do homem, independentemente de idade, raça, grau de conhecimento. Desde as primeiras séries, as instituições escolares, seja pública ou privada, deverão fornecer aos que nela ingressam, ensino de qualidade e, nas novas propostas pedagógicas, propor a interação dos alunos com algum meio tecnológico para fins de pesquisa e elaboração de trabalhos. Acreditamos que a inclusão de Computador/internet nas aulas de línguas, mesmo que seja brevemente, possibilita aos alunos interesse e independência no que se busca pela tela e oferece espaços para que eles possam refletir sobre os conteúdos selecionados na web, com as propostas apresentadas pelo professor.

Contudo, a aprendizagem em presença do computador ligado à internet é algo que traz na atualidade desafios aos educadores. Dito de outro modo, as exigências são muitas no que diz respeito à aquisição de conhecimento por meio da web, principalmente em ambientes escolares, pois a inclusão da internet no ensino/aprendizagem escolar deve levar em consideração tanto seus níveis de idade, quanto de conhecimento, para que estejam cientes da importância de se tornarem pesquisadores. Assim, o objetivo não só fixa na reflexão do letramento ser o “estado” e “condição” de quem adquire a escrita, mas pensamos também na necessidade dos cidadãos serem hoje letrados digitalmente, ou seja, apresentarem em “estado” e “condição” de quem exercem práticas sociais de escrita de maneiras não tradicionais, de modos diferentes. Então, o homem deve acompanhar as transformações sociais, para que entenda tanto a fundamentação do que é favorável ou não aos seus ideais.

A escola, sendo um ambiente que propicia a formação de pessoas, deve fornecer possibilidades diversas aos alunos, para que eles possam aperfeiçoar seus conhecimentos. A biblioteca, sala de vídeo, laboratórios de informática são lugares que a escola deve ter para que os alunos passem a estudar. Mas, se os alunos promovem seus estudos no espaço bibliotecários, percebemos que a *preocupação* não é tanto quanto se os alunos desenvolvessem estudos em laboratórios de informática. Daí a dúvida de muitos pais, professores, órgãos governamentais em relação ao computador, principalmente a internet nos laboratórios escolares, se de fato os alunos buscam nesta ferramenta auxílio para a realização de suas atividades escolares ou se ficam voltados para a diversão e interatividade através de gêneros disponíveis no meio digital. O que pode ser alcançado no espaço escolar é a busca da interatividade entre profissionais, alunos, tecnologia, no intuito de evoluir os conhecimentos. Assim,

A máquina precisa do pensamento humano para se tornar ferramenta auxiliar no processo de aprendizado. É necessário integrá-la às mais diversas atividades, pois ela pode ser entendida enquanto instrumento de expansão do pensamento. Que sirva para envolver os estudantes em projetos práticos, desafiadores e que estimulam o raciocínio humano. Hoje, o papel da escola é ensinar a pensar, preparando o aluno para lidar com situações novas, problematizando, discutindo e tomando decisões. Sobretudo, cabe à educação resgatar o homem de sua pequenez, ampliando os horizontes, buscando outras opções, tornando as pessoas mais sensíveis e comunicativas. (RIBEIRO, 2011, p. 94).

Efetivamente, o homem sofre quanto ao não manuseio do digital, pois o que se tem corrente na sociedade é a presença da tecnologia. Cabe aos profissionais habilitados nas ferramentas, articular estratégias de ensino que possa potencializar a escrita e leitura dos alunos e não deixar que fiquem bloqueados em presença das possibilidades que o mundo oferece através de alguma tecnologia.

Coscarelli (2011, p.25) menciona que a “informática não veio para substituir ninguém”, mas que sejamos conscientes ao incentivar, lidar com o que de bom essa ferramenta nos pode auxiliar. Certamente, é preciso, que a tecnologia quando usada para fins educacionais seja promovida de forma clara, segura, para que os alunos possam compreender a fundamentação do digital no espaço escolar, não transformando o ensino/aprendizagem através dos meios digitais como

desnecessários, inúteis. O aluno deve ter ciência de que os laboratórios de informática são um recurso que poderá satisfazê-lo na realização dos afazeres estudantis e que essa ferramenta pode também convidar a se dispersar, a transformar os afazeres, obrigações escolares em nível de rendimento baixo. Dessa forma

[...] a tecnologia não pode estar dissociada da educação: ela é parte integrante do processo educativo e não deve ser tratada isoladamente. Além disso, a tecnologia deverá estar presente não como apêndice, mas como realidade que não pode ser ignorada ou desconhecida, da forma mais humana possível. Logo, um projeto de educação tecnológica precisa ter intencionalidade e respaldo teórico. Ideologicamente, esse projeto deve preocupar-se com a formação do cidadão, pensando-o enquanto ser crítico reflexivo, consciente e competente, sem deixar de pensar a escola enquanto célula da sociedade, a qual deve manter vínculos estreitos entre a realidade e a sociedade com todos os seus anseios e necessidades. (RIBEIRO, 2011, p. 91).

Em relação às distintas modalidades, leitura e escrita no espaço digital, é perceptível que o homem pode desenvolver-se em âmbito social. Entretanto, ao anunciarmos a relação do homem – computador vem em nossa mente as “deficiências” nas comunicações escritas, principalmente diálogos socializados em redes sociais pelos adolescentes. Palavras empregadas de maneira cortada, ora abreviadas, ou expressada através da simbologia de desenhos (emoticons). Muitas pessoas ao se comunicarem com outro sujeito efetuam na escrita uso da linguagem coloquial, o que para situações formais não se adaptaria bem. Ao técnico cabe saber manusear os interesses na internet, para favorecer o sujeito não o deixando se perder nas falhas da imensidão das redes digitais.

Dito de outro modo, a tecnologia, direta ou indiretamente em termos de comunicação, anuncia transformações quanto à linguagem expressada pelo sujeito, que tende a suprir suas necessidades ao passo que se defronta com a realidade das atividades em campo digital. Assim, o uso da tecnologia para cada faixa etária, pode trazer agrado ou insatisfações, dependendo de como as novas gerações lidam com as tecnologias presentes na atualidade, principalmente, o que está em torno das redes virtuais na internet.

Com a aparição da internet, o ensino/aprendizagem ao longo dos anos passou por alterações. O recurso digital nos espaços escolares trouxe inúmeras

discussões tanto para a sociedade quanto para os profissionais da área educacional. A princípio surgiram indagações como: Os professores e a escola estão preparados para encarar esta nova realidade? De que modo a escola pode fazer uso das mídias digitais para o ensino-aprendizagem? E quando respondidos tais questionamentos, surgem novos e, quando estes novos são respondidos, surgem outros, a partir disso vai desenvolvendo canais de discussões que, assim como no surgimento da tecnologia, vem para sanar os empecilhos e dúvidas do homem.

Assim sendo, compreendemos que o recurso digital tende a propiciar benfeitoria na ampliação do conhecimento ou malfeitorias quanto a exposições de fatos não condizentes com as normas convencionais dos grupos sociais. Desta forma, com a inclusão da tecnologia, em específico, computadores ligados à internet, os profissionais das redes escolares são convidados a se orientar em relação ao manuseio das máquinas, pois as novas gerações anunciam exigências para que as aulas não fixem na mesmice, que seja interativa, dinâmica, que o profissional inove suas práticas de ensino e convidem os alunos a partilharem seus conhecimentos de mundo.

Capítulo II

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS/DIGITAIS: o uso da internet e os desafios do professor

Em relação aos gêneros textuais nos espaços digitais, verifica-se que as pessoas hoje têm alternativas diversas para realizar suas pesquisas. No ambiente virtual, o homem tem possibilidade de fazer e manter contatos, realizar pesquisas e aprimorar seus conhecimentos, o que torna os meios digitais uma possibilidade a mais para o professor levar os alunos a lerem, uma vez que, nesse espaço, sempre haverá algo novo que acabará por chamar a atenção de quem usa.

Na atualidade, os métodos tradicionais de ensino de língua portuguesa podem ser incrementados com novas propostas educacionais, ou seja, a relação entre professor/aluno/máquina nas instituições escolares mostra-se como uma possibilidade de uso real de escrita e leitores reais para textos produzidos pelos alunos.

Inovar, tornar a aula mais dinâmica e acreditar é sem dúvida algo necessário e importante nas práticas de ensino da atualidade. A disposição de progredir enquanto educadores, de integrar sempre novas propostas de ensino nas aulas, a serviço da formação de pessoas, respeitando sempre os limites de cada um, torna-se, ano após ano, meios essenciais para o ensino escolar. Compete aos professores sempre adaptar-se às inovações, pois os alunos da atualidade estão sempre receptivos às novidades, principalmente à tecnologia e aos gêneros que nela circulam.

A discussão, aqui, não é excluir o professor das práticas de ensino, até porque isto não seria possível, pois é muito importante e necessário o educador ser o mediador do conhecimento. Não é, também, substituí-lo pela máquina, mas, pensarmos o que de proveito pode ter ao programar suas aulas com as tecnologias disponíveis pela escola e, gêneros existentes nesse meio, para então, enriquecer mais os trabalhos realizados em sala de aula, pois

A mais nova das linguagens, a informática, faz parte do cotidiano e do mundo do trabalho. Vive-se o mundo da parabólica, dos sistemas digitais, dos satélites, da telecomunicação. Conviver com todas as possibilidades que a tecnologia oferece é mais que uma necessidade, é um direito social. (PCNs, 2000, p. 12-3).

Através dessas inovações, percebemos que as novas gerações de estudantes estão cada vez mais interessadas em tecnologia, principalmente no uso da rede mundial de computadores e os seus respectivos gêneros como, chats, email, blogs, entre outros. Assim, quando o educador se liga a esse mundo e revoluciona a didática de suas aulas, possibilita ao aluno uma mudança em seu comportamento em sala, pois acreditamos que sua atenção ficará centrada nas atividades. Dessa forma, os estudantes sempre ficarão na esperança de que algo de novo poderá acontecer na aula seguinte, justamente pela didática de ensino ser alternada. O objetivo com tais discussões não é

[...] criar apologia do uso do computador como instrumento de ensino, mas sim destacar que pode ser mais uma forma de ensinar a ser utilizada pelo professor, visando principalmente tornar a escola mais atualizada empregando novas tecnologias. (BETTEGA, 2011, p. 16).

Assim, compete aos professores (re) pensarem seus métodos e a melhor maneira de usar as ferramentas tecnológicas e seus respectivos gêneros. Este contato, se usado a favor da aquisição de conhecimento, permitirá ao educador desenvolver um ensino dinamizado e proporcionar aos alunos a liberdade de interação tanto em termos de socialização de idéias, quanto em relação ao convívio entre os próprios colegas de classe, isto é,

Cabe a escola o esclarecimento das relações existentes, a indagação de suas fontes, a consciência de sua existência, o reconhecimento de suas possibilidades, a democratização de seus usos. (PCNs, 2000, p.12).

O educador, ao chamar a atenção dos alunos ao uso da internet para serviços de pesquisas e realização das atividades a que propõe em sala de aula, faz com que os alunos despertem para a obtenção de conhecimentos, pois ficam movidos pela curiosidade dos materiais que os cercam. Em outras palavras, podemos dizer que os alunos ficam mais animados com a aula. Eles passam, então, a ter a oportunidade de se colocarem em outro espaço, em um contexto de ensino/aprendizagem

diferente do tradicional para enriquecer e desenvolver seus trabalhos escolares. Porém, é necessário que o professor prepare uma aula que faça com que os alunos busquem, através da rede, compreensões acerca do assunto trabalhado e que não apenas os levem para um laboratório de informática somente para preenchimento de horário. Como afirma Valente (2002), é necessário que o aluno saiba o objetivo de estar navegando na internet para que o tempo seja utilizado da melhor forma possível.

A web esta ficando cada vez mais interessante e criativa, possibilitando a exploração de um numero incrível de assuntos. Porém, se o aprendiz não tem um objetivo nesta navegação, ele pode ficar perdido. A idéia de navegar pode mantê-lo ocupado por um longo período de tempo, porém muito pouco pode ser realizado em termos de compreensão e transformação dos tópicos visitados em conhecimentos. Se esta informação não é posta em uso, não há nenhuma maneira de estarmos seguros de que o aluno compreendeu o que esta fazendo. Neste caso cabe ao professor, suprir essas situações para que a construção do conhecimento ocorra. (VALENTE, 2002, p. 139).

Dessa forma, com tantas possibilidades de gêneros digitais nos espaços tecnológicos, é interessante nos questionarmos sobre as influências que esses ambientes virtuais podem trazer à escrita dos educando. Como discute Marcuschi (2004, p.13), “os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”. Certamente as pessoas diante do uso desses materiais virtuais são convidadas a relacionar-se constantemente com a leitura e escrita. Surge, portanto, um grande perigo para a escrita formal. Os vícios de escrita no meio virtual podem, e muito, ser transportados, por vezes inconsciente, para a escrita formal. Por isso, “Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade [...]”. (COSCARELLI, 2011, p. 31).

É importante que os alunos saibam o que de proveito poderá obter nesses ambientes virtuais, pois estão ligados à escrita frequentemente e os cuidados quanto a esse meio devem ser essenciais, visto que, quando o aluno necessitar escrever em situações que requer formalidade, não usar abreviaturas entre outras características da escrita do mundo virtual.

Diante disso, nos perguntamos o porquê de os alunos estarem mais motivados quando estão diante das telas do que quando estão em sala de aula em ensino tradicional. Vale ressaltar, ainda, que o ensino de gêneros textuais em sala de aula, da maneira tradicional, não alcança o interesse e participação de muitos alunos, tanto quanto despertaria se eles estivessem envolvidos nos ambientes digitais. Acreditamos que isso acontece, porque, nesse ambiente digital, como salienta Marcuschi (2004), o aluno tem a possibilidade de ter o contato com texto, imagem, áudio e vídeos ao mesmo tempo.

Acreditamos que em aulas de língua portuguesa, variados gêneros textuais são trabalhados, porém o desinteresse de muitos alunos quanto ao estudo desses textos são relevantes, visto que, nos espaços digitais, os alunos estão envolvidos frequentemente com os gêneros textuais virtuais e expressam mais satisfação e interesse do que quando são trabalhados tradicionalmente.

Trabalhar com gêneros digitais em aulas de Língua portuguesa se torna um tanto desafiador para muitos professores. Alguns se fundamentam em concepções como trabalho dobrado, dedicações maiores, turma grande, entre outras. Mas esses profissionais, se considerarem apenas essas concepções, permanecerão com ações rotineiras e hábitos que não despertarão a curiosidade dos alunos.

O educador, ao propor atividades com gêneros textuais em ambiente virtual, desperta o interesse dos alunos para os conteúdos selecionados, mas, além disso, leva-os a repensar as opiniões tediosas em relação à disciplina de língua portuguesa. Os educando gostam de novidades, do que é diferente.

É importante lembrar que a capacidade de dinamizar a aula e trazer o diferente para a sala pode ajudar na aprendizagem dos alunos. Os gêneros digitais se tornam uma didática possível a ser trabalhada pelo professor como uma maneira de tentar chamar a atenção dos alunos para as práticas da língua escrita. Dessa forma, cria-se uma possibilidade de interação daqueles alunos que sentem maior dificuldade na escrita formal, pois acreditamos que frente à tela, os educando não é tímido quanto parece. Essa é a nova realidade, na qual a adaptação constante se tornará fundamental aos que exercem a profissão de ensinar.

Marcuschi (2004) discute que os gêneros digitais são uma evolução dos gêneros textuais tradicionais e traz características específicas de cada um. Coloca a vista dos leitores, os “gêneros emergentes na mídia virtual”, e os “gêneros já

existentes” e propõe [...] “um paralelo formal e funcional entre os gêneros novos e antigos.” (MARCUSCHI, 2004, p.30-1).

Marcuschi (2004, p. 19) salienta, ainda, que “a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita.” A partir disso, podemos pensar que os professores, quando passam a trabalhar os gêneros digitais como proposta de ensino, levam os alunos a novas maneiras de exercitar a escrita e convida-os a desempenhar atividades diferentes dos aplicados tradicionalmente, ou seja, trabalha-se com gêneros textuais, mas em outras formas, outro contexto. Assim, os educadores acabam que não desmerecendo o ensino tradicional, mas, pelo contrário, adicionam-se novas práticas, atribuem experiências diversas e possibilita mais ainda o crescimento de pessoas letradas digitalmente.

2.2 Gêneros digitais: algumas definições

Cada gênero digital tem características, estruturas, conteúdos diferentes. Marcuschi (2004, p.25) lembra que “definir” e “identificar” os gêneros que se apresentam nos ambientes digitais se tornam um tanto desafiador, visto que estamos tratando de tecnologia e suas mudanças, portanto, ao passo que consolidamos discussões a respeito dos gêneros digitais, novas alternativas poderão de imediato surgir.

Hoje, ao analisarmos o Blog, por exemplo, verificamos suas particularidades, como presença marcante da oralidade e recursos como texto, imagens, áudio, vídeos. Ao passo que o homem se liga a esse universo tecnológico, os conteúdos inovadores postados serão indispensáveis, visto que o diversificado poderá atrair mais ainda os leitores. Assim, a busca por algo melhor, mas rápido, dinâmico e diferente é importante e essencial neste meio digital. Podemos perceber que no Blog, os usuários poderão fazer postagens de diversos tipos de textos, como; trabalhos escolares, receitas culinárias, compartilhamento de notícias da atualidade, informações sociais.

Em relação aos Chats, entendemos ser um meio de comunicação simultânea e rápida. É um dos gêneros mais utilizados, por ser um veículo de comunicação que provoca diversas reações nos participantes, levando-os à busca de respostas instintivamente. É um espaço para troca de informações entre duas ou mais pessoas. Neste, os diálogos com mais de duas pessoas se classificará como grupo,

que pode ser aberto ou fechado. Em conversas de grupo fechado, apenas as pessoas do grupo conhecem as informações publicadas no local. Existem diversos aplicativos que disponibilizam este tipo de serviços, dentre eles o bate-papo do Facebook, da UOL, Skype e o WhatsApp.

O Fórum de discussões se aproxima dos chats em relação à troca de diálogos, porém, há uma distinção entre ambas quanto ao tempo de conversas. No fórum, mensagens de um determinado assunto, podem ser discutidas pelos participantes da comunidade virtual. Críticas, idéias, sugestões, entre outras propostas podem ser socializadas pelos usuários em acesso as mensagens publicadas por amigos da comunidade. No fórum de discussões, como o próprio nome já o referencia, o usuário tem a possibilidade de opinar quando julgar necessário. Neste gênero, as pessoas não se comunicam em tempo real, o que possibilita aos participantes, disponibilidades maiores quanto à elaboração da escrita, de propostas positivas ou negativas que pretendem socializar para os demais integrantes. Enquanto nos chats as mensagens são respondidas em tempo instantâneo, no fórum de discussões não se sabe quando podem ser contemplados.

Também, há presente no ambiente virtual o gênero digital e-mail ou (correio eletrônico). Este possibilita aos usuários a troca de artigos, envio de arquivos em curto tempo, sejam eles em som, imagens, áudio, vídeos. Através deste gênero digital, vários gêneros poderão ser entregues aos diversos usuários no mundo. Uma forma também de socializar informações em curto tempo.

São muitos os gêneros digitais e esses foram apenas alguns exemplos do que os alunos tem contato fora da sala de aula e usam constantemente, inserindo-se na cultura letrada por meio dos ambientes digitais. Nesse sentido, a leitura e a escrita são práticas sociais constantes na vida de pessoas de todas as idades o que acontece sem seleção, sem nenhum crivo de qualidade. As pessoas apenas escrevem para compartilhar fatos cotidianos, poemas de autores desconhecidos, frases de auto-ajuda entre outros. Essa vontade de escrever e compartilhar e, ao mesmo tempo ler para saber sobre os outros, poderia ser aproveitado pelos professores para melhorar a qualidade dessas práticas de leitura e escrita.

Capítulo III

3.1 Laboratórios de informática escolar: pontos e contrapontos

Como vimos anteriormente, a socialização de informação e comunicação tornou-se frequente e estão sempre melhorando e sendo, cada vez mais, usados pelo homem. As modificações que ocorreram e ocorrem no mundo em relação ao crescimento tecnológico provocou as pessoas, que por essa razão, procuraram e ainda procuram adequar-se a essas transformações.

Na contemporaneidade, o mercado de trabalho, por exemplo, impõe exigências quanto ao uso e entendimento da ferramenta computacional, sendo um dos motivos que obrigam as pessoas a interagir e adaptar-se a essas novas formas de comunicação e informação criadas pelo homem, pois, sem a compreensão dessas ferramentas tecnológicas, a probabilidade de exclusão social é alta, visto que, a cada ano, novos mecanismos são criados ou melhorados e maiores são as exigências quanto ao uso e caberá às pessoas acompanhar tais tecnologias.

O computador, que antes era uma simples máquina de computar, com o tempo passou por inovações, sendo uma delas a adequação à internet. Como o computador transformou-se ao longo dos anos, o ensino e a escola também tentaram acompanhar essa revolução. Prova disso é a implantação de laboratório de informática no espaço escolar com objetivo de auxiliar os professores nas práticas de ensino, bem como ser um meio de aprendizagem dos alunos.

3.2 Metodologia

Para compreendermos como se fundamentam as práticas de ensino e aprendizagem por meio do computador, propusemos pesquisar em duas instituições de ensino localizadas na cidade de Pontes e Lacerda - Mato grosso: primeira designada escola **A** - estadual, e a segunda, escola **B** - municipal.

As pesquisas foram realizadas no mês de outubro de 2013 nos períodos matutino e vespertino. Busquei, nas observações, identificar os gêneros que estavam sendo priorizados nas aulas de pesquisa laboratoriais pelos alunos e professores e a forma de uso do laboratório, principalmente em relação à dimensão dos gêneros digitais para as práticas de aquisição de conhecimento.

Em pesquisa na escola **A**, realizado no dia 17 de outubro, uma das coordenadoras se fez presente para a conversa. Ela relatou que a instituição até aquele momento tinha no total 52 professores, 935 alunos e 38 turmas, e excepcionalmente um laboratório de informática, com 28 máquinas. Apenas, 18 computadores dos 28 estavam conectados à internet. Das 18 máquinas, uma era reservada à técnica, para serviços auxiliares no laboratório. Em outras palavras, os alunos tinham acesso a 27 computadores sendo que 10 máquinas estavam sem internet e 17 com internet.

Em 18 de outubro de 2013, estive na escola municipal **B**, que atualmente possui turmas do pré ao 9º ano. Com um quadro de 24 professores, oferecem educação a um total de 589 alunos distribuídos em 26 turmas. O diretor e a coordenadora da escola me receberam, explicaram a proposta do trabalho e me convidaram a ir ao laboratório de informática da escola. Em conversa com a técnica e por meio de observações, verificamos que o espaço era propício para a proposta do que realmente é um laboratório. Dito de outro modo, o ambiente da sala de informática era adaptada e apropriada para a união de turmas que se propunham a adquirir ou ampliar seus conhecimentos, pois, contém 25 computadores ligados à internet, 1 quadro, 1 impressora, 1 data show, além de uma técnica presente para organizar, bem como auxiliar os professores na aulas de pesquisa. A técnica, em conversa informal, disse que mais 5 computadores em breve estariam sendo colocados na sala, para maior comodidade e rendimento de aula.

Em relação ao funcionamento do laboratório de informática da escola **A**, a coordenadora informou que o uso só é realizado a partir de agendamento prévio, ficando a critério dos professores o que irão trabalhar. O atendimento nesses laboratórios ocorre entre as 4h/a ministradas na escola e não em contra turno.

No ano de 2012, a escola **A** realizou um projeto cuja finalidade era envolver os alunos aos meios digitais. Em período inverso de aula, os educando deveriam ir ao laboratório da escola para que pudessem ter contato com as máquinas, aprender manuseá-las, para terem facilidades ao uso quando necessitassem. Em 2013 o projeto não foi levado adiante, devido à técnica do laboratório de informática estar de licença prêmio e também por motivos de greve dos profissionais da educação do município.

Em primeira instância, percebemos que o ambiente de informática escolar possibilita aos professores a aplicação de atividades relacionadas a pesquisas e

orientações aos alunos sobre a elaboração de seus trabalhos, tendo em vista, a proporção de computadores em relação à quantidade de alunos por turma e também pela disponibilidade de recursos oferecidos neste ambiente, tais como sala climatizada, técnico/máquinas/internet, quadro e data show para exemplificação dos conteúdos, além de impressora. Nesse espaço, embora a internet seja um veículo amplo de possibilidades, gera aos educadores cuidados ao lidar e conectar os alunos ao meio virtual por meio de suas metodologias e atividades, para que o ensino e aprendizagem sejam prazerosos e importantes, ao invés de insatisfatório e problemático. Assim, vê-se que em relação à estrutura dos laboratórios de informática das duas escolas observadas, foi oferecido pelo governo todo o suporte tecnológico de primeira qualidade, sendo eles modernos e equipados.

A sala de informática da escola **B** é frequentada por turmas do pré ao 3º ano com didáticas de pintura, cálculos, alfabetização e, do 4º ano ao 9º ano para pesquisas de diversas disciplinas. O funcionamento do laboratório ocorre no período matutino e vespertino, e cada turma tem dia e horário já estabelecidos para aulas no laboratório, porém é o professor que decide se irá usá-lo, pois dependerá do que foi trabalhado em sala. Em se tratando de pesquisas para serem realizadas como trabalho de casa, os alunos que não tiverem computador poderão comparecer à escola em contra turno, com uma autorização escrita emitida pelo educador. Segue modelo em anexo.

Acreditamos que dois dias de pesquisas são insuficientes para concluirmos a presente pesquisa, até porque, não poderíamos generalizar, nem tão pouco exaltar os primeiros dados obtidos nas duas instituições de ensino/aprendizagem. Dessa forma, foi necessário retornarmos às escolas selecionadas para mais observações. Assim, no dia 23 de outubro, no período vespertino retornei à escola **B**. Constatei que a sala de informática não estava funcionando devido à falta de internet, ocasionando dispensa das atividades que seriam realizadas na sala de informática. Diante do problema, encaminhei-me à escola **A**. Nesta, verifiquei que não ocorreu o uso do laboratório por nenhuma turma.

Sendo assim, propus voltar no dia 30 do mesmo mês, no intuito de verificar se a falta do uso do laboratório de informática da escola **A** permanecia. Não houve surpresas, pois não constava nenhum agendamento para pesquisas e elaboração de trabalhos por meio do computador/internet. O responsável que estava presente não era o técnico, mas o professor de fanfarra da mesma instituição, o que nos

remete a pensar a falta de organização em relação ao compromisso da demanda de um profissional especializado para tal setor. É contestável a presença de um professor de fanfarra para administrar as atividades no laboratório de informática, pois não basta apenas saber lidar com a máquina, ter conhecimentos técnicos, mas saber orientar e promover condições suficientes aos alunos. Ao tratar da inclusão social, as OCN defendem que

A credibilidade dos projetos de inclusão, segundo o que informam as investigações, seria construída por uma ação que abrange: capacitação de professores; engajamento de escolas no processo de inclusão; preparação dos pais dos alunos; **preparação de funcionários**; recursos condizentes com os propósitos do projeto; cursos de licenciatura em universidades e faculdades atualizadas e sintonizadas com a proposta de inclusão; adequação do currículo escolar às necessidades atuais da sociedade. (OCNs, 2008, p. 94-5).

Mas percebemos que, se é necessário preparo para lidar com o aluno diferente, o mesmo pode ser dito sobre o uso de ferramentas tecnológicas. Então, precisa-se de um especialista, mas que este entenda realmente a proposta do que é aprender e ensinar por meio da tecnologia disponível na escola, neste caso o computador. Com base no OCNs (2008), verifica-se que há uma preocupação em relação à capacitação de profissionais adeptos ao mundo “inclusão” e “inserção” das TCIS na escola, ou seja, “requer, pois, preparação” não basta simplesmente considerar a educação essencial para os jovens, mas trazer e fazer disso realidade.

No dia 31 de outubro, no período vespertino, verifiquei na escola **B** se alguma turma havia agendado o laboratório de informática. Constatei que a sala seria utilizada das 14h às 16h do mesmo dia pela turma do 4º ano B. Assim, propus ficar para observações. Os alunos, ao chegarem à sala de informática, foram recepcionados pela técnica, que se dispôs a organizá-los nos assentos.

Cada estudante sentou-se frente a um computador de mesa, ligado à internet, ficando sob responsabilidade da técnica organizar e coordenar a turma na sala, bem como acompanhá-la do início ao fim da aula. Após a técnica recepcionar os alunos, orientou-os a não entrar nas redes sociais, como facebook, Orkut, twitter, badoo, bate-papo, nem tão pouco abrir jogos de tiros, lutas, entre outros que admitem algum tipo de violência. Percebe-se, desse modo, restrições quanto ao uso de gêneros digitais no laboratório de informática da escola **B**. O uso dos computadores

pelos alunos se fundamentou em um programa online de jogos chamado FRIV, e caberá aqui socializarmos discussões sobre, até porque, é essencial entendermos como funcionam tais práticas no espaço escolar.

3.3 Análise

FRIV é um site que disponibiliza vários tipos de jogos online, desde montagens de peças de roupas em bonecas, até jogos de obstáculos, memorização. Vejamos o modelo abaixo.



Cada quadrinho acima simboliza uma atividade. Diante dessas variedades, os alunos têm opção de escolher o que lhe agrada e satisfaz. Alguns desses jogos requerem dos usuários atenção, percepção, criatividade, raciocínio e ação. Sendo, portanto, um ambiente em que os alunos precisam manuseá-los, para que no final possam obter seus resultados. Friv, além de disponibilizar vários jogos, requer dos alunos entendimento sobre o que se pede, visto que as instruções disponibilizadas aos usuários são na língua inglesa, ou seja, os alunos, para iniciar e dar sequência nos jogos, deve primeiramente compreender as instruções em inglês, para, então, poderem conduzir as atividades.

Alguns jogos são importantes para o desenvolvimento de conhecimento das crianças, portanto não os desmerecemos, principalmente as novas maneiras de jogar, mas questionamos a falta de planejamento quanto a essas atividades, pois em observações na escola **B**, notei que os alunos foram conduzidos para o laboratório simplesmente para preenchimento de horário e não como forma de revitalizar o que se aprendeu em sala na prática. Assim, para alguns alunos pode até surtir efeitos de construção de conhecimentos, mas em muitos casos não passará de práticas enfadonhas, que não satisfazem as exigências de produção escrita e leitura. Dessa forma, é essencial o professor se perguntar e considerar quais e em que situação trabalhar com jogos e pensar também quais conhecimentos os alunos poderão adquirir por meio dessas atividades virtuais nos espaços escolares. Eis que nos perguntamos, Será que os alunos foram orientados sobre a importância de tais jogos? O professor responsável da turma trabalhou em sala de aula alguma das características, e fundamentação dos jogos da contemporaneidade? Estes são um dos requisitos importantes e relevantes, pois acreditamos que os alunos podem a partir do que se aprendeu nos jogos buscar fazer inferências com sua realidade, mas para tanto deve ter um trabalho voltado para tais requisitos, para então o aluno saber sua relevância no cotidiano.

A falta do professor da turma no laboratório de informática é um ponto a ser questionado, visto que tais práticas de ensino, ao passo que saem do contexto tradicional, demandam mais atenção por parte desses profissionais, e a falta do educador nas aulas de informática acarreta problemas como desinteresse, dificuldades de compreensão dos conteúdos e outros fatores que não levam os alunos ao exercício crítico dos conteúdos, ou seja, se tornam mais uma forma de divertimento, descontração, ligada às práticas de preenchimento de horário, o que contraria o preconizado pelas OCN:

Dessa perspectiva, ressalte-se que a definição do que se vai propor como objeto de ensino, a rigor, é uma ação de natureza pedagógica e, sobretudo política, voltada para a criação de situações de ensino que propiciem a construção de conhecimentos que resulte de uma atividade de busca por parte do próprio aluno, fundada em situações de aprendizagem significativas, a partir das indicações e das orientações fornecidas pelo professor. (OCN, 2008, p. 35-6).

Em conversa informal, a técnica relatou que a falta do professor ocorreu devido a alguns exames que ela iria ter que fazer e, por este motivo, os alunos foram designados pela coordenadora da escola ao laboratório de informática, ficando sob responsabilidade do profissional deste local os critérios de ensino. Assim, segundo a técnica, como é de praxe os professores trabalharem com as turmas do pré ao 4º ano esse tipo de exercício, ela designou aos alunos tais atividades.

Acreditamos que para alguns estudantes, por exemplo, a recepção desses exercícios seria um tanto desmotivadora, pois o professor deve além de considerar o ano de escolaridade do aluno, buscar orientá-los sobre a fundamentação das atividades aplicadas no meio virtual, diferente do que presenciamos nas observações, pois os alunos simplesmente ficaram diante da tela, e jogaram. Em outras palavras, estavam em exercícios do divertimento, das distrações e, diante disso, nos questionamos o que de proveito poderão buscar desse meio, ou seja, viam-se alunos motivados pelo colorido, pelo prazer de encontrar ou concluir o aplicativo selecionado para jogar, mas qual a fundamentação dos jogos nas aulas de língua portuguesa e o que os alunos compreendem e fazem com o que aprendeu nesses jogos?

Caberia à escola instigar os alunos a refletir que não é somente jogar ou se divertir, mas que há toda uma intencionalidade por trás dessas atividades, tais como o de aguçar a criatividade, a percepção, para situações reais com que possam, eventualmente, se defrontar. A ideia, ao trabalhar com jogos nos laboratórios de informática, deve ser, além de promover entretenimento, interação e motivação, buscar conduzir os alunos ao letramento digital, além do letramento enquanto uso social da escrita.

Portanto, há um bloqueio quanto ao uso de gêneros digitais nos laboratórios de informática da escola **B**, mas em relação aos jogos, tais práticas são provindas de interesses educacionais. O que queremos com tais discussões é mostrar que desde cedo muitas das crianças já estão conectados ao mundo da informação e comunicação online e restringir o ensino somente com jogos durante 2 horas é preocupante, visto que, de acordo o OCN (2008), os professores deverão ligar os alunos às práticas sociais, ou seja, quando saírem da terceira fase da educação básica, já poderem consolidar os conhecimentos adquiridos em teoria e ligá-los com os de mundo.

Também o que chama a atenção é a falta dos estudantes do ensino fundamental (6º a 9º ano) no laboratório de informática. Em observações nas duas escolas, não presenciamos nenhuma busca por pesquisas e uso do laboratório de informática por parte de professores e turmas das séries finais do ensino fundamental, daí a necessidade de confrontarmos tais dados com os OCNs (2008), PCNs (1998 -9) e LDB (1996), que consideram de importância extrema trabalhos voltados para a formação dos jovens, fornecendo-lhes condições para o mundo tanto do trabalho, como de seu engajamento social. Ou seja, se há hoje uma cobrança social em relação ao domínio das tecnologias e há leis e orientações quanto às práticas de ensino e aprendizagem por meio das mídias digitais no espaço escolar, por que os dados obtidos demonstraram resultados insatisfatórios no que tange ao uso do meio digital para melhorar a leitura? Por que os laboratórios de informática escolar das duas instituições observadas se encontraram parcialmente vazios? Onde está o problema? Será na formação dos profissionais? Pois, verificamos que os recursos são oferecidos pelo governo e há uma infraestrutura adequada e planejada para receber os alunos e educadores.

Consideramos que a tecnologia é usada com frequência na sociedade atual, e como a modernidade impulsiona os indivíduos a estarem constantemente se relacionando com este recurso, as escolas deveriam fazer uso mais frequente e responsável dos laboratórios de informática, uma vez que este pode ser um forte aliado na formação de leitores proficientes. Vê-se que é essencial instruir os alunos as tais práticas, pois, “deve essa preparação básica instrumentar o educando, de molde? a possibilitar-lhe uma fácil readaptação nas mudanças provocadas pela evolução tecnológica.” (SOUZA e SILVA, 1997, p. 60).

Não questionamos o conteúdo trabalhado no laboratório de informática, mas, a forma como ele é trabalhado. O professor, ao propor tais atividades, deve orientar seus alunos e estar frente às atividades programadas colocando-se no papel de facilitar para os alunos e levando-os a perceber o contexto de uso dos diferentes saberes adquiridos na escola. É papel da escola orientar os alunos e conduzi-los às novas exigências do mundo globalizado, o que implica envolver-se no letramento digital. Assim

[...] a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu

processo de socialização e possam agir sobre (e com) eles, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sócias em que atuam. (OCNs, 2006, p.27).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 9394/96), dos (Art. 22 - 3) discute a importância e competências da educação básica para os alunos. Esta fase deve garantir aos estudantes “[...] a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. (LDB, 1996, p.9). Dessa forma, as novas gerações de estudantes poderão ser capazes através dessa preparação básica se ater ao exercício de cidadania, com ocupações e melhorias nos quesito a que estão submetidos socialmente.

Creemos, por consequência das observações realizadas no laboratório de informática da escola **B**, que os alunos apresentaram domínio quanto ao manuseio do computador, ou seja, as novas gerações de estudantes vêm desde cedo conectados ao universo tecnológico. Alguns já entram no espaço escolar com noções básicas da ferramenta computacional. Dessa forma, foi perceptível o domínio técnico do computador, ou seja, habilidades quanto o manuseio desses recursos do mundo contemporâneo.

O que se defende, portanto, é a absoluta necessidade de se avocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas – sem que, para isso, é claro, se vejam apartados da cultura e das demandas de suas comunidades. Isso significa dizer que a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes, etc. Reitera-se que essa postura é condição para confrontar o aluno com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido. (OCNs, 2008, p.29).

Diante disso, é significativo que as escolas propiciem metodologias que aproximem os alunos aos recursos tecnológicos da escola, pois a partir dessa

interação, os estudantes possam passar por novas experiências, e ultrapassar os caminhos da exclusão.

3.4 Algumas respostas

No dia 04 de Novembro de 2013, em contato com o Centro de Formação e atualização de Professores (CEFAPRO), do município de Pontes e Lacerda – Mato Grosso, busquei verificar se no ano de 2013, ocorreu algum curso preparatório aos profissionais da educação em relação às tecnologias da Comunicação e informação - (TICs), sendo, portanto, de responsabilidade deste órgão proporcionar programas e políticas que tende a valorização dos professores que atuam nas redes escolares. Em conversa com a secretária do Cefapro, fomos informados que há um curso de capacitação oferecido pelo Programa Nacional de Tecnologia Educacional – (PROINFO), criado em 09 de abril de 1997 pelo Ministério da Educação e Cultura – (MEC) da portaria nº 522/MEC que tem por finalidade além de manter-se vinculado com a distribuição de computadores nas escolas, possibilitar conteúdos que preparam professores para novas práticas de ensino por meio das TCIs.

Sabemos, então, que além das orientações, leis e parâmetros, os professores têm como suporte, curso de formação em relação às tecnologias, ofertado pelo e-PROINFO. Os professores têm opções de se qualificarem tecnologicamente através de Web-sites – (<http://www.eproinfo.mec.gov.br>), sistema colaborativo de aprendizagem, ou seja, que possibilita aos educadores inscritos, recursos e atividades que ajudam em seu desenvolvimento no que diz respeito às TCIs. Então, há nas duas instituições, escola A – estadual e, escola B - municipal, equipamentos tecnológicos oferecidos pelo governo aos estudantes, mas, em observações não constatamos o uso deste ambiente para fins de pesquisa, nem para melhorar a capacidade de leitura por meio de gêneros digitais diversos.

Não nos cabe, no âmbito dessa pesquisa, explicar as razões pelas quais os professores usam pouco ou não usam os laboratórios de informática para melhorar a leitura dos alunos, mesmo a internet oferecendo uma gama de gêneros que chama a atenção de pessoas de todas as faixas etárias, os quais poderiam contribuir para o letramento, inclusive o digital.

Conclusão

Os dados obtidos a partir de observações no laboratório de informática das duas escolas A e B nos mostraram que não ocorreram trabalhos consistentes em relação ao uso dos computadores, uma vez que somente a escola **B** fez uso deste espaço, mas desvinculados ao exercício de leituras e escrita. O fato de ter laboratórios nas escolas totalmente equipados nos conduz a refletir no comprometimento do governo, bem como das instituições com a educação das novas gerações. É pertinente ressaltamos que, embora tenha esses recursos, ora uso é pouco, ora não faz, o que acaba por não contribuir para a formação dos estudantes, uma vez o laboratório de informática, além de ser um meio de possibilitar a inserção do homem no que diz respeito ao ambiente digital e também socialmente, permite que estes estejam continuamente ligados a leitura, escrita e a estas duas modalidades – a informação.

Assim, quando referimos a letramento digital, devemos acrescentar não somente o fato de se ter pessoas que fazem leituras e escritas de maneira diferente, mas também considerar que uma pessoa letrada digitalmente apropria-se de informações, que podem converter em conhecimentos. Então, os professores deverão reconhecer a importância de se ter hoje formação de pessoas letradas digitalmente e, se tais profissionais adotam ações defensivas quanto ao uso, é muito provável não se ter índices satisfatórios no processo de formação dos alunos no que tange as TCIs. Portanto, é satisfatório que os profissionais da educação estejam sempre prontos a inovar nas aulas, mesmo que para isso devem-se enfrentar os receios de se trabalhar com o diferente.

É um tanto desafiador para os profissionais da educação, aplicar e ministrar atividades por meio de recurso digital, porém, também é pertinente advertirmos que desafios e problemas sempre existirão em qualquer situação onde se encontra compartilhamentos de idéias, aprimoramentos de conhecimentos. Portanto, o que se acredita é que essa realidade presenciada por meio das observações só será transformada, se após o contato com as orientações oferecidas no papel e cursos, o professor buscar através de ações múltiplas, conviver e se posicionar diante dessa nova realidade, a da tecnologia.

Bibliografia:

BARBOSA, Laura M. S. PCN: parâmetros curriculares nacionais: **O Papel da escola nos século XXI**. v.3. Curitiba: Bella Escola, 160p. 2002.

BETTEGA, M. H. S. **Educação continuada na Era digital**. São Paulo; Cortez, 2004. (coleção questões de nossa época; v. 116).

BLOOM, Harold. **Como e Por que Ler**. Rio de Janeiro: Editora objetiva, 2001. Disponível em:

<http://jecelo.com/Livros/Dreamweaver/Arquivos/C/Como%20e%20Por%20Que%20Ler%20-%20Harold%20Bloom.pdf> Acesso em 30/08/2013.

BRAGA. D. B. **Hipertexto: questões de produção e de leitura**. Disponível em: <http://www.profdamasco.site.br.com/hipertextoproducao.pdf> Acesso em: 03/04/2013.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei. 9.394, de dezembro de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso em: 02/11/2013.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2008.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação profissional de nível tecnológico**. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao> Acesso em: 20/07/2013.

COSCATELLI E RIBEIRO, Carla Viana – Ana Elisa (orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3. ed. - Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2011.

FREITAS, M. T. **Letramento Digital e Formação de Professores**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17.pdf> Acesso em: 03/04/2013.

FRIV. Disponível em : <http://www.friv.com/> acesso em: 31/10/ 2013.

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 7. Reimpr. - Belo Horizonte: Autentica, 2003.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935> Acesso em: 06/04/2013.

SOUZA E SILVA, Paulo N. P. De – Eurides B. da . **Como entender e aplicar A NOVA LDB**. São Paulo: Pioneira, 1997.

TFOUNI, Leda, Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VALENTE, J. A. **Uso da internet em sala de aula**. Curitiba, PR: Educar, ed. UFPR, 2002. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2086/1738>. Acesso em: 03/10/2013.

XAVIER, Antonio, C. dos S. **Letramento Digital e Ensino**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> acesso em: 05/04/2013.

KLEIMAN, Angela. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. In: _____. **O conhecimento prévio na leitura**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004. Cap.1, p.13. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-09-21/pnad-analfabetismo-diminui-mas-ainda-atinge-quase-13-milhoes-de-pessoas-no-brasil> Acesso em 17/07/2013 Acesso em: 20/07/2013.

ANEXOS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA - UNEMAT
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

LILLYAN FRANCELINO FREZ

**Letramento digital – O laboratório de Informática escolar possibilita a
Formação de Leitores/Escritores?**

**Pontes e Lacerda – MT
Setembro de 2013**

LILLYAN FRANCELINO FREZ

Letramento Digital – O laboratório de Informática escolar possibilita a formação de Leitores/Escritores?

Projeto apresentado para a Disciplina de TCC – (Trabalho de conclusão de curso), como requisito básico para elaboração do trabalho de conclusão de Curso de Letras, sob orientação da profa. Ma. Ana Maria Macedo.

SUMÁRIO

1	TEMA	46
2	INTRODUÇÃO	46
3	OBJETIVOS	46
	3.1 OBJETIVO GERAL	46
	3.2 OBJETIVO ESPECIFICOS.....	47
4	JUSTIFICATIVA	47
5	TIPO DE PESQUISA / METODOLOGIA	47
6	REFERENCIAL TEÓRICO	48
7	CRONOGRAMA	51
8	BIBLIOGRAFIA	52

TEMA:

Letramento digital – O laboratório de Informática escolar possibilita a formação de leitores/escritores?

INTRODUÇÃO:

O presente projeto tem por finalidade abordar discussões sobre Letramento digital. Nesta perspectiva, buscaremos indagar sobre a constituição do sujeito social/histórico, pensando em sua formação através das práticas de leitura/escrita por meios de aparelhos tecnológicos, em específico, computadores ligados à internet.

A atualidade impulsiona o indivíduo a estar constantemente relacionando-se com alguma tecnologia de informação, seja ela para suprir uma necessidade profissional ou para obter informações do mundo (notícias) ou de familiares. Desta forma, vai desenvolvendo um canal de informação que provoca o usuário a cada dia mais explorar essa tecnologia. Neste cenário, embora o usuário não tenha tecnicamente conhecimento, ele está fazendo parte do processo do letramento digital, bem como sua evolução e estudo.

A interferência deste novo meio de absorver conhecimento e comunicar-se está interferindo diretamente no comportamento social e cultural da sociedade, o que pode levar a mudanças no meio escolar. É neste sentido que, amparados nas teorias que discutem o letramento, pretendemos refletir como se fundamenta a prática do letramento digital em uma escola pública de Pontes e Lacerda-MT, para verificar como esse meio se caracteriza nesse espaço enquanto ferramenta de absorção para novas possibilidades letramento.

OBJETIVOS:**OBJETIVO GERAL:**

Verificar se as mídias digitais possibilitam a ampliação de conhecimento/comunicação no atual cenário escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os gêneros que estão sendo priorizados em aulas de pesquisa laboratoriais pelos alunos e professores.
- Averiguar a influência da era digital na formação do aluno crítico e autônomo, para que assim, possamos analisar como se funda a dimensão desses gêneros para as práticas de aquisição de conhecimento.

JUSTIFICATIVA:

A presente pesquisa será desenvolvida com a finalidade refletir sobre o contato dos alunos com a leitura/escrita por meios de aparelhos tecnológicos, em específico, os computadores já adaptados à internet no laboratório de informática escolar.

Uma nova concepção de ensino/aprendizagem vem modificando o modelo padrão de ensino pré-estabelecido desde os tempos medievais e cabe aos profissionais conciliar essa ferramenta com suas didáticas de transposição de informações. O modelo de um professor detentor único do saber não se sustenta nos dias de hoje, uma vez que muito comumente os alunos trazem, para a sala de aula, conhecimentos adquiridos nos meios virtuais. A investigação da relação educador/aluno/Internet tem por objetivo propiciar novos conhecimentos acerca da influencia dessa mídia na vida das novas gerações de estudantes e verificar interesses quanto ao que se busca no mundo virtual e os usos dessa tecnologia na escola. Devido à grande interferência da internet, bem como as fontes de informações que alimenta a sociedade em massa, compreendemos a relevância da presente pesquisa que será realizada em uma escola do município de Pontes de Lacerda-MT

TIPO DE PESQUISA / METODOLOGIA:

Nossa proposta de trabalho compreende etapas metodológicas que consistem em:

- a) Pesquisa bibliográfica;
- b) observação das aulas oferecidas no laboratório de informática de uma escola de Pontes e Lacerda-MT;
- c) análise documental qualitativa, interpretativa, dos dados.

REFERENCIAL TEÓRICO:

Tecnologia, palavra frequentemente utilizada e presente em diversos territórios para auxílio e contemplação das atividades do sujeito sócio-histórico. Pensando na ideia de que devemos estar sempre em constantes mudanças comportamentais e intelectuais para acompanharmos o desenvolvimento do meio em que estamos inseridos, buscamos através do contato com múltiplas leituras, em especial as novas possibilidades para tal, ampliar nossos conceitos sobre determinado assunto e evitar consequentemente a exclusão social. Como alternativa para tal crescimento, devemos nos adaptar às novas gerações tecnológicas, que por vezes, exigem domínio das máquinas/ferramentas, para que, assim, possamos nos conectar com as diversas informações - que são apresentadas em tempo real - e nos encaixar nessa sociedade que busca a progressão global, deixando de lado concepções do tipo – “homem fadado ao fracasso”.

Assim como discute Ribeiro (2011, p. 96), em seu artigo “Educação e Novas Tecnologias: Um olhar para além da Técnica” o homem deve servir-se de conhecimentos múltiplos, promover capacidades no que refere à língua escrita e habilidades de leituras, para que assim este sujeito antes “cru”, possa moldar-se e adquirir forma tanto no que se refere à comunicação coletiva, quanto no entrosamento avaliativo de si através dos meios digitais. Ou seja, as mídias digitais fizeram surgir novas exigências no que diz respeito ao conhecimento, levando governos a pensar novas políticas de inclusão, envolvendo agora o chamado letramento digital, quando antes pensava-se apenas em letramento.

Sobre letramento, vale ressaltar, a princípio, sua definição. Segundo Soares (2003, p.18), “letramento é, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Entenda-se que seja então, o processo de aprendizagem que a criança, adolescente ou adulto, passa a adquirir

através do uso constante da escrita/leitura, e que pode por meio deste recurso, aperfeiçoar a língua oral exercida para comunicação entre os grupos sociais.

Em relação ao Letramento Digital, para Xavier, (p. 2) “ser letrado pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever [...]”. Assim, entenda-se que seja a maneira pelo qual o indivíduo passa a trabalhar sua escrita e leitura de maneira não estabelecida tradicionalmente, ou seja, leituras realizadas através de textos impressos, bem como práticas de escritas por base em folhas/cadernos manualmente, substituídas pela tela, agora chamada - digital.

Sendo assim, quanto mais o homem busca leitura, mesmo que esta seja efetuada através de livros, placas, revista, embalagens, folder, este passa a adquirir habilidades no que se diz respeito à escrita. O ato de leituras múltiplas é muito importante e essencial para desenvolvimento intelectual do homem. Freire afirma que: “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, [...]”, (FREIRE, 1921, p. 15). Através disso, podemos dizer que a leitura de modo geral seja ela feita na infância, adolescência, idade avançada, amplia e diversifica as visões e interpretações sobre o mundo vivente. Através da leitura, obtemos novos conhecimentos e constituímos um leitor crítico/reflexivo e, posteriormente, capacitado em lidar com as divergências da vida em sociedade. Assim, desde os tempos primários na escola o professor deve conduzir seus alunos para este mundo diversificado, pois de acordo com Martins,

[...] criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá [...]. (MARTINS, 1994, p. 34).

Portanto, é de suma importância o ato da leitura, pois a ausência desta ação seja por meio da internet, livros, jornais, bloqueará a possibilidade de novos conhecimentos, que acontece progressivamente.

Pensando na formação, o homem ancora-se em estudos frequentes e por vezes na figura pedagógica para alcançar o mérito de aperfeiçoamento dos estudos que interessam, visando à melhoria e acesso ao conhecimento criou-se o computador como ferramenta de transposição de informações/comunicações. Assim,

creditado como um meio importantíssimo para a sociedade passou por inúmeras adaptações, uma das quais se destaca é a Internet, que transmite, em segundos, informações sobre o que ocorre no mundo inteiro. Nesta perspectiva, acreditamos que a internet no espaço escolar vem atribuir ao aluno o senso de independência, ou seja, ao levar o aluno para laboratório de informática este devera se pautar em produções de conhecimentos, e para tanto, este poderá através desta ferramenta mover-se virtualmente em busca de informações para aguçar os estudos estabelecidos ou não estabelecidos pela figura pedagógica, esta ação caracteriza de hipertexto, pois através da tela, o aluno passa a navegar em segundos por 2 ou mais links, e assim se levar pelas possibilidades informacional do meio digital.

Em se tratando dos “gêneros”, verifica-se que há nessa era tecnológica, inúmeras possibilidades benéficas as pessoas que manuseiam os ambientes virtuais com o intuito de buscar contemplação de seus estudos, atividades trabalhistas, ora lazares.

Os cidadãos, bem como as classes estudantis ao uso da internet, têm a possibilidade de inferir inúmeros elementos textuais em seus estudos através da tecnologia digital, principalmente no que diz respeito ao computador-internet. Dizemos que, se bem usado os dispositivos digitais, e logo os gêneros envolvidos dessa ferramenta tecnológica, as pessoas poderão se beneficiar, pois se acredita que além de contribuir na formação educacional/profissional, pode apreender desse meio a obtenção de seu crescimento pessoal e manter relações interpessoais. Para Marcuschi (2004, p.13) Em certo sentido pode se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.

CRONOGRAMA - 2013:

ATIVIDADES/meses	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1. Entrega da carta aceite 2. Aulas metodologia 3. Primeiras leituras	Mês todo	13/09/13 Leituras			
1. Entrega do pré-projeto 2. Leitura dos textos 3. Reuniões de orientação	Mês todo	20/09/13 Mês todo			
1. Leituras 2. Reuniões de orientação	Mês todo	Mês todo	Mês todo	Mês todo	
1. Entrega da monografia				29/11/2013	
1.Semana de Defesa das Monografias 2.Entrega da versão final biblioteca					9 a 13/12/13 20/01/13

BIBLIOGRAFIA:

COSCATELLI E RIBEIRO, Carla Viana – Ana Elisa (orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autentica, 2011.

FREIRE. Paulo, **A importância do ato de ler** 25ªed. Volume 4-São Paulo: Cortez, 1991.

MARTINS. Maria, Helena, **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994 (p. 34).

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

SOARES. Magda, **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 7. Reimpr. - Belo Horizonte: Autentica 2003.

XAVIER. Antonio Carlos Dos Santos. **Letramento Digital e Ensino**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> Acesso em: 04/04/20013.

SALA DE INFORMÁTICA
HORÁRIO PERÍODO VESPERTINO

2º FEIRA	3º FEIRA	4º FEIRA	5º FEIRA	6º FEIRA
14:00 ÀS 15:00 HORAS	14:00 ÀS 15:00 HORAS	14:00 ÀS 15:00 HORAS	14:00 ÀS 15:00 HORAS	14:00 ÀS 15:00 HORAS
1º ANO "B"	2º ANO "B"	3º ANO "B"	3º ANO "C"	4º ANO "C"
15:30 HORAS	15:30 HORAS	15:30 HORAS	15:30 HORAS	15:30 HORAS
5º ANO "C"	6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO
16:30 HORAS	16:30 HORAS	16:30 HORAS	16:30 HORAS	16:30 HORAS
6º AO 9º ANO	2º ANO "C"	PRÉ- ESCOLA	PESQUISA	PESQUISA

Escola – B

SALA DE INFORMÁTICA
HORÁRIO PERÍODO MATUTINO

2º FEIRA	3º FEIRA	4º FEIRA	5º FEIRA	6º FEIRA
08:00 HORAS	08:00 HORAS	08:00 HORAS	08:00 HORAS	08:00 HORAS
1º ANO "A"	2º ANO "A"	3º ANO "A"	4º ANO "A"	4º ANO "B"
09:00 HORAS	09:00 HORAS	09:00 HORAS	09:00 HORAS	09:00 HORAS
PRÉ- ESCOLA	5º ANO "A"	5º ANO "B"	6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO
10:00 HORAS	10:00 HORAS	10:00 HORAS	10:00 HORAS	10:00 HORAS
6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO	6º AO 9º ANO	PESQUISA	PESQUISA

Escola – B

ESCOLA MUNICIPAL

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
E.M.



Rua

Fone (65) 3266

Pontes e Lacerda – Mato Grosso

AUTORIZAÇÃO

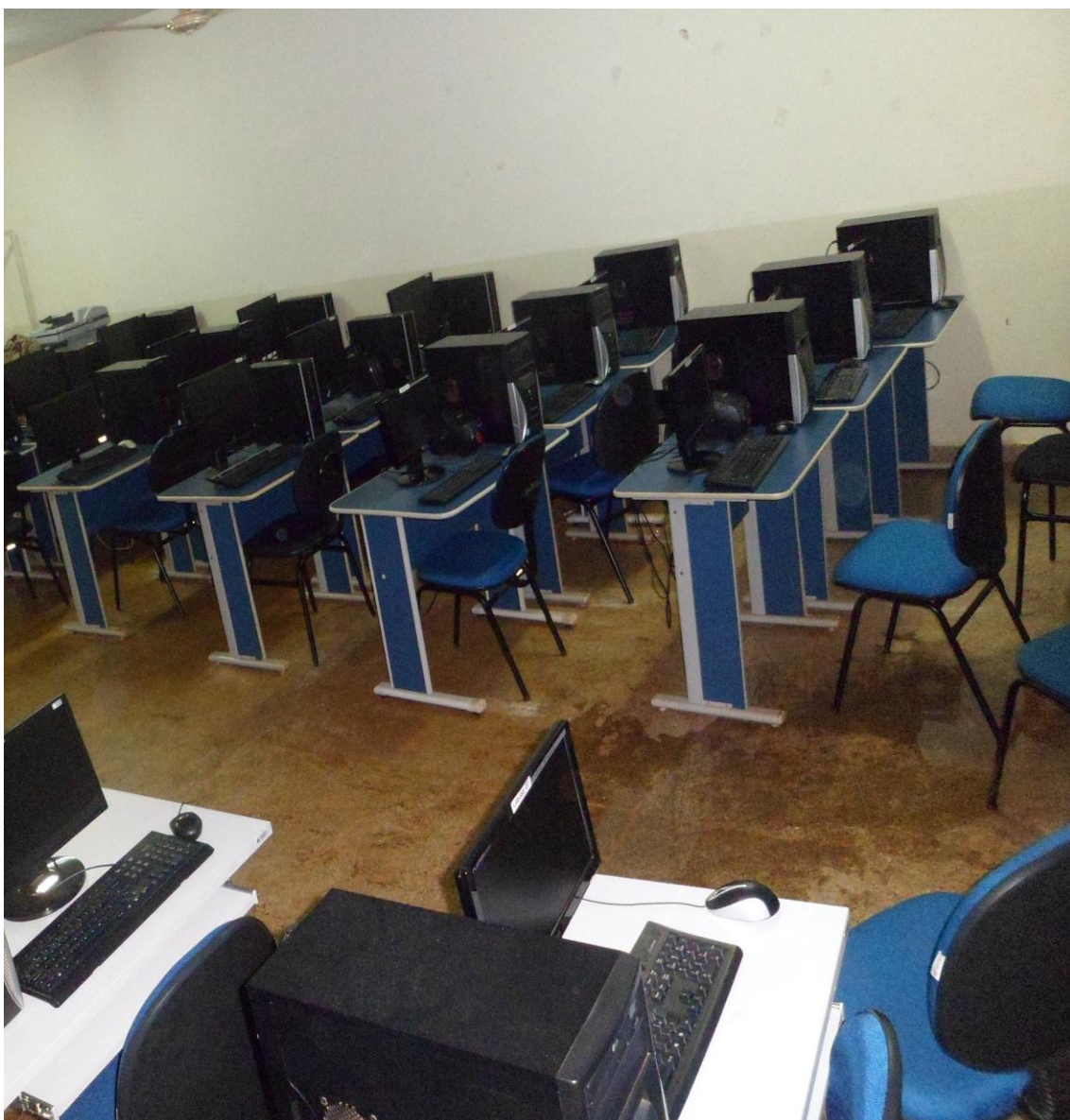
Eu, prof.(ª) _____ autorizo os (as)
alunos (as) do _____ Ano (____) a virem realizar trabalhos de pesquisa no Laboratório
de Informática no dia ____/____/2013, às _____ horas. Assuntos relacionados:

Escola - B

Escola – B



Escola – B



Escola – B



Escola- B



Escola- A



Escola - A